



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de sanção do Estatuto da Igualdade Racial e do projeto de lei que cria a Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira (Unilab)

Palácio Itamaraty, 20 de julho de 2010

Meu querido companheiro Eloi Ferreira, ministro da Igualdade Racial,
Meu companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,
Meu companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Meu companheiro Juca Ferreira, ministro da Cultura,
Meu companheiro Carlos Eduardo Gabas, ministro da Previdência Social,

Minha querida companheira Márcia Lopes, ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,
Meu companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,
Meu companheiro Luiz Dulci, ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu companheiro Luís Inácio Adams, advogado-geral da União,
Meu companheiro Alexandre Padilha, ministro da Secretaria de Relações Institucionais,

Nossa querida companheira Nilcéa Freire, ministra de Políticas para as Mulheres e a primeira reitora a introduzir as cotas na Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Paulo Vannuchi, ministro da Secretaria dos Direitos Humanos,

Meu caro governador Cid Gomes, governador do Ceará,
Senadores Inácio Arruda e Paulo Paim,



Deputados Federais Edson Santos, José Eduardo Cardozo, José Pimentel e Mauro Benevides,

Senhor Ophir Cavalcante, presidente do Conselho Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil,

Senhor Robson Braga, presidente da Confederação Nacional da Indústria, recém-eleito. Boa sorte na sua gestão.

Senhora Egbomi Conceição de Ogum, e senhor Eduardo de Oliveira, representantes do Movimento Negro. Ela mandou colocar Ogum aqui porque hoje é dia de Ogum. (Incompreensível) é que...

Meus caros membros do corpo diplomático,

Companheiros e companheiras militantes da causa da igualdade racial,

Senhoras e senhores,

Hoje, como o meu companheiro Eloi exagerou no tempo, eu vou ter que evitar os meus improvisos e vou ter que ler o meu discurso, para diminuir o tempo.

Antes de entrar no meu discurso, Fernando, apenas dizer da alegria do Congresso Nacional ter aprovado a Universidade Afro-brasileira. Acho que... Vai ter algumas coisas aqui, no meu texto, sobre a Universidade, mas eu penso que é uma, é uma forma de o Brasil, aos poucos, ir pagando a dívida que nós temos com o povo africano, que não pode ser mensurada em dinheiro, ela tem que ser mensurada em solidariedade, em parceria, em contribuição. Um país como o Brasil pode ajudar muito o continente africano. É por isso que a Embrapa está em Gana, fazendo pesquisa em todos os países africanos, para saber as condições para a agricultura africana. E nós já sabemos que uma parte da savana africana tem a mesma capacidade produtiva e o mesmo solo do cerrado brasileiro. Portanto, com um pouco de tratamento na terra, a gente pode transformar uma parte do continente africano em um grande centro produtor de alimentos para o mundo ou em um grande centro de produção até



de biocombustíveis para eles. Eu fui, agora, em um país em que eles gastam, por ano, US\$ 1 bilhão importando petróleo, quando eles poderiam estar utilizando o álcool, produzido o álcool lá mesmo, e estar guardando US\$ 1 bilhão para fazer desenvolvimento no país.

O que o Brasil tem feito pela África é uma coisa inusitada. Eu acho que há muito tempo que o Brasil tinha esquecido o continente africano. A gente passava pela Europa todo dia, ou beirando ou por cima do continente africano, mas a gente não queria enxergar o continente africano. A consequência disso é que nós tomamos uma decisão, e eu penso que, para a vergonha do Brasil – não é para orgulho do Brasil –, eu, em oito anos, visitei mais a África do que todos os países [presidentes] da história do Brasil visitaram a África em cento e poucos anos de República.

E muita gente achava que não poderia visitar a África porque a África era pobre, não tinha o que fazer lá. Só para vocês terem ideia, a balança comercial do Brasil com a África saltou, em 2003, de US\$ 5 bilhões para US\$ 26 bilhões. E, se o Brasil tivesse mais competência de ir mais à África, se os empresários fossem mais para a África, não apenas para vender, mas para construir parcerias e ajudar a construir as coisas na África, a gente poderia ter uma balança comercial muito mais forte, porque tem muitos países na África, já não existe mais aquela história de que a África vive em guerra, de que a África vive em conflito. A grande maioria dos países está consolidando sua democracia, está consolidando suas organizações políticas. A União Africana é uma coisa mais bem organizada do que a Unasul. Eles têm banco da União Africana que funciona bem... É porque eles estão há mais tempo do que nós fazendo isso. Então, eu acho que as coisas estão andando.

Eu, agora, estive em Cabo Verde, na participação de um encontro do CDAO, que são todos os países da África Ocidental. Eram 15 países, tinha 13 chefes de Estado. Depois nós fomos à Guiné Equatorial, depois nós fomos ao Quênia, depois fomos à Tanzânia, depois fomos a Zâmbia, depois fomos à



Copa do Mundo – ou melhor, fomos à África do Sul –, e, lamentavelmente, o Brasil já tinha caído fora quando eu saí daqui na sexta-feira. Ou seja, eu já saí daqui sabendo que eu não ia ver a Copa do Mundo.

Então, a aprovação da Universidade é uma coisa extraordinária e eu espero que no próximo ano ela já comece a funcionar. Nós temos uma preocupação de trazer os alunos de lá para cá, mas também levar os alunos de volta, de quando em quando, para eles aprenderem que eles têm que voltar para o seu país, que eles têm que aprender coisas que estejam muito ligadas ao desenvolvimento do continente africano. Então, eu acho que é um passo extraordinário, e eu tenho certeza que nós todos estaremos vivos para inaugurar essa universidade, na cidade de Redenção.

Nós temos muita coisa na África. Eu, ainda este ano, vou a Moçambique, na perspectiva de inaugurar a fábrica de remédio, ou seja, nós estamos produzindo os retrovirais, para ver se a gente consegue ajudá-los a combater a Aids. Nós estamos ajudando outros países, por exemplo, o Benin, a produzir...

_____ : O Mali.

Presidente: ...o Mali a produzir algodão. Nós estamos produzindo muita coisa em Angola, inclusive açúcar e álcool em Angola. Então, eu acho que há uma perspectiva extraordinária para o Brasil atuar na África.

Nós temos feito um esforço muito grande para que os nossos ministros viajem para a África. Nós estamos fazendo um esforço muito grande para que a gente... e eu assumi isso como compromisso de honra, de criar mais linhas de empresas aéreas viajando para a África, porque a gente só tem ou para Angola ou para a África do Sul, a gente não tem para a maioria dos outros países. Cabo Verde, para vir ao Ceará, e tem voo diário, a empresa é de Cabo Verde, que é um país pequeno, e é uma vergonha que o Brasil não tenha.



Então, nós precisamos dessa aproximação. Até para fazer negócio, até para fazer negócio, se um africano tiver que ir a Paris ou que ir a Londres para pegar avião para vir ao Brasil, ele já faz negócio lá mesmo, não é?

Então, nós estamos aqui, de Cabo Verde até Fortaleza são, no máximo, quatro horas de viagem, três horas e meia, depois você tem que andar 12 horas. Então, eu acho que o Brasil, como economia mais forte, tem que ter a responsabilidade de criar a facilidade para que essas coisas possam acontecer.

Bem, agora, lendo o meu discurso aqui, eu queria, primeiro, antes de mais nada, eu quero dar os meus parabéns ao Congresso Nacional e a todas as lideranças políticas, sociais do nosso país.

Graças à incansável dedicação de vocês a democracia brasileira, a partir de hoje, torna-se ainda mais justa e representativa com a entrada em vigor desse Estatuto da Igualdade Racial e com a criação da Unilab.

A instituição da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira [Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira], se reveste de especial simbolismo pelo fato de o seu campus estar situado no município cearense de Redenção, a primeira cidade brasileira a abolir a escravidão, cinco anos antes da Lei Áurea. A abolição ocorrida no século XIX, contudo, não assegurou aos escravos libertos as oportunidades de trabalho, estudo e cidadania, para o exercício pleno da liberdade humana. E isso explica, em boa parte, a construção interrompida da nação brasileira, com ciclos sucessivos de expansão... que ciclos sucessivos de expansão não conseguiram superar.

Esse impasse estrutural entre pobreza e desenvolvimento, que marcou nossa história republicana, está sendo enfrentado com firmeza e desassombro em nosso governo. Sempre tivemos clareza que superá-lo não era um atributo direto da economia, mas uma prerrogativa da decisão política. Por isso, decidimos que a luta contra a pobreza, a luta contra a desigualdade e a



discriminação constituiu o motor do desenvolvimento brasileiro, e não uma consequência natural, como se apregoou durante tanto tempo.

Companheiras e companheiros,

No nosso governo, nenhum projeto é bem se não se amplia e melhora as condições de vida dos brasileiros e brasileiras, que historicamente sempre foram deixados para trás, dos que não tinham voz, dos que nunca tinham tido oportunidades. Esse entendimento da ligação indissociável entre desenvolvimento e dignidade humana explica porque decidimos criar, logo no início do nosso primeiro mandato, em 21 de março de 2003, uma Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a Seppir, que, logo em seguida, por conta do companheiro Edson, ela teve que ser transformada em Ministério, porque deputado não podia ser Secretário. Vocês lembram que nós fomos criticados duramente por isso. Aliás, a nossa iniciativa chegou a ser desdenhada pelos de sempre.

O desafio da igualdade racial foi e ainda é tratado como um falso problema, como uma questão menor do desenvolvimento e da democracia. O mesmo ocorreu quando colocamos a luta contra a fome na agenda do Estado brasileiro. Aliás, eu estou vendo o companheiro Graziano, ali, que está na FAO, que foi o primeiro, o primeiro Ministro do Desenvolvimento e Combate à Fome.

Para se opor ao Fome Zero, muitos chegaram a negar que o problema existisse em nosso país, ou seja, chegavam a afirmar que não tinha fome, como uma revista brasileira, há poucos dias, teve a petulância de insinuar que não tinha negro no Brasil.

Bem, a verdade é que uma das sociedades mais desiguais da face da Terra, nós havíamos herdado um aparelho público desprovido de conteúdo social, um Estado que não dispunha sequer – e quero repetir, sequer – de um mapeamento confiável da pobreza brasileira, e que era assim que certa elite queria que o Estado fosse mantido.



Nós pensamos e agimos de forma diferente. Por isso, fizemos um governo voltado para enfrentar e superar as desigualdades sociais. Mais de 20 milhões de brasileiros deixaram a linha da pobreza nos últimos anos, e mais de 31 milhões de brasileiros ascenderam na escala social. A renda cresceu em todos os seguimentos da sociedade, mas cresceu em dobro entre os mais pobres.

Meus amigos e minhas amigas,

Agora, às vésperas das eleições, ninguém mais contesta as prioridades antes criticadas. Nem sempre foi assim, e a sociedade enxerga essa distância entre o que se dizia antes e o que se declara agora. Quantas vezes não fomos criticados por trazer a agenda dos pobres, a dos negros, a das mulheres e a dos indígenas para dentro do Estado brasileiro? Em nome da economia de gastos públicos, o que se manifestava era o germe do preconceito, do elitismo e da intolerância que ainda existiam no nosso querido país.

A verdade é que tem gente neste país que não se contenta com os privilégios que tem e gostaria de impedir qualquer benefício real para os mais pobres deste país. Nós mudamos tal maneira de agir, e esse é um dos orgulhos do nosso governo. Não apenas resistimos às críticas infundadas, mas ampliamos, na prática, a fronteira da igualdade, criando, em parceria com a sociedade e o Congresso Nacional, marcos institucionais para que ela não sofresse mais nenhum retrocesso. É importante que se diga: O que construímos neste país, nos últimos sete anos e seis meses, foi uma sólida ponte entre a democracia política e a democracia social.

Vou contar uma coisa para vocês: Eu fui, com o Eloi, inaugurar, lá na Praça XV do Rio de Janeiro, uma estátua do nosso companheiro João Cândido. Eis que, para a minha surpresa, Zezéu, para a minha surpresa, você que é baiano, havia gente que estava muito descontente de a gente estar colocando a imagem do João Cândido na Praça XV, no Rio de Janeiro. Depois eu decidi colocar o nome do João Cândido no primeiro navio feito pela



Transpetro, lá no estado de Pernambuco. E, outra vez, outra vez, eu senti rumores de pessoas que não queriam que a gente homenageasse o João Cândido. E quem vê a imagem daquele navio vê aquela imagem bonita, com o nome que todo mundo que perguntar: “quem era João Cândido?”, a gente vai poder orgulhosamente dizer quem era. E agora nós fizemos um outro navio com o nome de Celso Furtado, e o próximo navio vai se chamar Zumbi dos Palmares.

Bem, voltando ao meu discurso aqui... Em 2010, temos o maior orçamento de assistência social de toda a nossa história, destinando aos mais pobres cerca de, praticamente, R\$ 40 bilhões. Em 2002, os programas federais de transferência de renda somavam o equivalente a 6,4%. Em 2010, somam 9,1% do PIB, e isso significa mais gente recebendo um pouquinho de recurso do Estado brasileiro. A Márcia que não me deixa mentir, que está aqui feliz da vida com as coisas que está fazendo no Ministério do Desenvolvimento [Social] e Combate à Fome.

Meus companheiros e companheiras,

O Brasil, lamentavelmente, foi um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão. Passaram-se mais de 380 anos de senzala e pelourinho até a Lei Áurea. Para cada mês da nossa história, quase três semanas foram vividas sob a chibata do feitor. A chibata foi abolida, mas, durante décadas, brasileiros e brasileiras de valor dedicaram sua vida a desfazer os grilhões forjados em quase quatro séculos de regime escravocrata.

Hoje, finalmente o Brasil começa a resgatar sua dívida histórica com os descendentes das populações que foram trazidas como escravas a este país. E isso se dá pela adoção de políticas públicas consistentes e eficazes. Os verdadeiros caminhos da emancipação são o ProUni, o Fundeb, o ProJovem, o Pronaf, o microcrédito produtivo, o crédito consignado, as aquisições de safra da Agricultura Familiar, a compra e distribuição de leite direto do produtor, a Reforma Agrária, a Educação Cidadã, o Minha Casa, Minha Vida, as escolas



técnicas, entre tantas outras iniciativas feitas por este governo. Setecentos e quatro mil estudantes pobres estão matriculados nas universidades. A metade deles, 48%, de meninos e meninas negros deste país.

Eu tive nesta semana, Orlando, você não teve, o orgulho de participar de um ato dos mais simbólicos que eu já pensei em participar. Você sabe que, quando nós criamos o ProUni, nós tivemos um problema sério, porque tinha muita gente que dizia que nós queríamos favorecer as universidades particulares, e não as públicas. E aí, eu sei que o Orlando foi presidente da UNE, mas não está aqui o presidente da UNE, eu quero agradecer, porque a UNE foi uma instituição parceira nossa desde o começo na defesa da instituição do ProUni. E eu lembro quantas críticas eu recebi de que a criação do ProUni, colocar gente pobre da periferia na universidade, seria a gente nivelar a educação por baixo.

E eu tive o privilégio, na semana passada, junto com o Fernando Haddad e junto com o nosso ministro Temporão, de participar do ato das primeiras 540 meninas e meninos do ProUni que vão se formar em Medicina neste ano. Vocês imaginam quando uma menina negra, filha de pobre da periferia, poderia chegar a uma escola de Medicina? Imaginem quando um negrinho da periferia, filho de operário, poderia pagar quatro ou cinco mil reais em uma universidade. Pois bem. Nós participamos deste ato, eu fiz questão, Juca, de tirar fotografia com um por um deles – foram quase duas horas tirando fotografia –, porque eu e o Fernando Haddad certamente teremos orgulho de, daqui a 100 anos, quando a gente estiver velhinho, a gente olhar aquela foto e lembrar que a gente tem a ver com a possibilidade daquelas crianças se formarem, e eu espero que tenha alguns geriatras para cuidar de mim quando eu estiver em uma idade um pouco mais avançada. Agora, eu ainda estou precisando de pediatra, mas daqui a pouco a gente vai mudar.



Bem, nada disso teria acontecido se o Brasil dependesse daqueles que entraram até com recurso no Supremo Tribunal Federal contra as cotas afirmativas que criamos para a juventude pobre e negra desta terra.

A verdade, porém, é que o nosso esforço pela igualdade racial e social obteve amplo respaldo da juventude negra e pobre, que jamais fraquejou diante dos desafios. Esses moços e moças deram a resposta que o Brasil precisava ouvir há séculos. Quando muitos apostavam que teriam um desempenho patético, eles se superaram. Os bolsistas do ProUni estão entre os melhores alunos da Universidade brasileira no século XXI. Quero, portanto, agradecer a essas meninas e esses meninos, em nome de todo o país, porque fica mais do que provado aquilo que o Paulo Freire dizia: “Ninguém é burro. Se todo mundo está com a barriga cheia, todo mundo vira inteligente e todo mundo pode ir para frente”. E se todo mundo tiver oportunidade, aí sim que o bicho pega, aí sim que o povo vai mostrar que não existe diferença social se todos tiverem a mesma oportunidade. Tudo bem?

O exemplo – aqui não está escrito isso, mas eu poderia dizer –, o exemplo de vocês legitimou, de uma vez por uma nova visão de participar de atos como Presidente da República e consagrou uma concepção de democracia que está incorporada definitivamente à Constituição brasileira por meio deste Estatuto da Igualdade Racial, fruto de um louvável esforço dos movimentos sociais e do empenho suprapartidário no âmbito do Congresso Nacional.

Daremos agora um passo além na Educação brasileira. Com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira [Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira], que se estabelecerá como vanguarda na parceria com os países irmãos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste... Pode ficar sabendo que tem muito mais países querendo, pode ficar sabendo que isso aqui mudará logo, logo. Não tem por que a gente não trazer uns de



língua francesa para aprender Português aqui e estudar, um de língua inglesa e estudar... não tem por quê.

Mas eu quero dizer a vocês obrigado, meus queridos jovens negros e negras; obrigado, juventude indígena e mestiça; obrigado, meninas e meninos humildes, filhos das famílias mais pobres deste país. Vocês são a prova viva irrefutável de que o Brasil será tanto melhor quanto mais for justo. E mais justo será agora, com esse Estatuto.

Eu queria, Eloi, fazer justiça aqui a algumas pessoas que trabalharam, algumas que já não estão mais participando, alguns companheiros que não vieram aqui... Eu tenho recebido *e-mails* de pessoas que não concordam com o Estatuto, pessoas de mérito, pessoas com quem eu convivo há mais de 30 anos... E sempre haverá um tempo de a gente dialogar, de a gente conversar, de a gente convencer... Eu disse para o Eloi que tinha pedido de que eu vetasse todo o Estatuto porque o Estatuto não valia nada... E a gente não pode achar que esses companheiros são piores do que nós. A gente apenas tem que ter paciência e conversar um pouco mais com eles, porque nós vamos precisar deles para subir mais alguns degraus na escada das conquistas que nós precisamos fazer.

Nós lamentamos profundamente a ausência, por problemas de saúde, do companheiro Abdias Nascimento. Certamente, se ele pudesse, estivesse andando, estivesse bom, certamente o Abdias estaria sentado aqui, em um cantinho, conosco e estaria defendendo o Estatuto da Igualdade Racial.

E eu queria terminar, companheiros, pedindo duas coisas para vocês. Na primeira conferência do povo negro do nosso país – não era o Edson, acho que era a Matilde ainda –, eu fiz um apelo para que vocês levassem em conta que, se não houvesse um acordo entre o movimento negro, jamais a gente conseguiria ter aprovado esse Estatuto, jamais. Se cada um tivesse a sua posição, esse Estatuto iria mofar nas gavetas do Congresso Nacional, e daqui a 150 anos ele ainda estaria lá guardado. Foi obrigado à sabedoria daqueles



que perceberam que não poderiam conquistar tudo de uma vez, ou seja, mas que poderiam conquistar um espaço a mais, um caminho a mais, um fôlego a mais, um tempo a mais, para que a gente pudesse, com a nossa força reconstruída, a gente conquistar mais espaço, porque falta muito para a gente consolidar a democracia no nosso país.

Veja, nós temos uma democracia institucional, nós temos uma belíssima Constituição, nós temos igualdade racial agora, temos o Estatuto da Criança e do Adolescente, temos 70 conferências feitas, com os melhores documentos. Mas nós sabemos que ainda tem muita coisa para fazer e que a gente não consegue, em 10 anos, ou 12 anos, ou 15 anos, você construir o que foi quase destruído ao longo de séculos e séculos neste país.

A gente não pode esquecer, a gente não pode esquecer que não faz muito tempo, a mulher brasileira não podia votar. A gente não pode esquecer que até pouco tempo atrás uma mulher brasileira andar na rua e acender um cigarro, ela era chamada de tudo que é nome. A gente não pode esquecer que, até outro dia, participar de religiões que não fossem apenas a católica já era um pecado. A gente sabe a quantidade de perseguição que todo mundo sofreu, em algum momento da história, a gente sabe disso.

Então, eu queria terminar dizendo aos companheiros que acham que perderam, que vocês não perderam nada, companheiros, vocês ganharam, e ganharam muito, ganharam, e ganharam muito. Nós, agora, precisamos é ir consolidando, é ir fazendo o que falta, é ir colocando o cimento que falta, a massa que falta para que a gente possa garantir definitivamente isso.

Eu, que poderia estar chateado, não estou. Não inaugurei a minha ponte do Quilombo de Ivaporunduva. Rapaz, eu estou há oito anos esperando minha ponte! Mas, graças a Deus, agora, antes de eu deixar o governo, ela está pronta. A ponte está asfaltada, Edson, mas o percurso até a igreja não está asfaltado, jogaram um cascalho em cima, jogaram apenas um cascalho. É uma ponte que eu estou esperando desde 1994, companheiras e companheiros.



Eu fiz uma caravana da cidadania, eu fui lá ao Vale do Ribeira, fui lá a Registro, e lá fui visitar um quilombo. E lá, ao visitar o quilombo, eu vi as crianças indo para a escola em uma canoa. Então, eu fiz um projeto de desenvolvimento para o Vale do Ribeira, em 1994, era até para trazer hoje, aqui, até mandei guardar. Está com você, Zé? Está ali o documento, com o Zé Graziano, que ele foi o companheiro que me acompanhou naquela caravana. E nós fizemos uma proposta, e eu fui entregar ao então governador Mário Covas. E eu falei: Mário, se você não puder construir uma ponte grande, você já viu filme de Tarzã? Você viu aquelas pinguelas de corda que o Tarzã sai correndo atrás da Jane e a Chita sai correndo atrás... Se for uma daquelas já está bom, para as crianças não terem que ir de canoa por aquele rio cheio de pedras. Sabe, eu fui muito amigo do Mário Covas, entreguei o projeto para o Mário Covas. Mas, aí, a coisa também não andou, porque eu acho que não era prioridade dele, porque...

Aí, quando eu tomei posse na Presidência, eu falei: Puxa vida, agora chegou minha vez de fazer minha ponte. Escolhi duas pontes, uma ponte no rio... no rio Jequitinhonha, lá em Itinga, em Minas Gerais. O rio Jequitinhonha é um rio largo, e eu ia muito a Itinga. E tinha um coitado de um balseiro que ele tinha um calombo, um buraco aqui, porque ele tinha que atravessar o rio empurrando a balsa com um pau, e ele colocava o pau e encostava aqui, e foi fazendo um buraco no bichinho. Ele estava com dois calos aqui, e eu falei: Um dia eu vou fazer uma ponte aqui.

Ganhei as eleições, levei os ministros para viajar o Brasil inteiro, e uma cidade a que eu fui foi Itinga. Aí, eu cheguei lá, sorte minha, chamei alguns empresários, chamei a Vale do Rio Doce, chamei a Usiminas e eu falei: Eu quero que vocês me deem uma ponte de presente, uma ponte aqui no Vale, para acabar com essa balsa. Não queria acabar com o emprego do balseiro, aquele, a gente vai colocar ele para tomar conta da ponte. Mas ele não vai ter mais o caroço que ele tinha embaixo do braço.



Rapaz, em menos de um ano e meio, em menos de um ano e meio as empresas me entregaram uma ponte de... acho que tem quanto? Uns 500 metros de largura, uma ponte grande. A cidade não tinha ponte, era, era uma cidade ilhada. Colocaram até a ponte no meu nome. E, aqui, só lembrar ao Presidente da OAB que eu fui contra. Eu falei: Pelo amor de Deus, deixa eu morrer para vocês colocarem o meu nome na ponte. Procura, procura um pescador, um herói aqui, do Jequitinhonha e coloca o nome na ponte. “Ah, mas já foi aprovado por unanimidade, deixa pra lá”. Bom, aí ficou a Ponte Luiz Inácio. Então, eu já tenho uma ponte.

E essa, de Ivaporunduva, a gente não pôde inaugurar, porque foi tanto trabalho, tanta coisa, tanto... Eu coloquei até o Exército para fazer. Oito anos para fazer uma ponte de 300 metros. Aí, depois tinha problema de meio ambiente, depois tinha problema não sei das quantas, depois tinha problema... Bom, finalmente, a ponte está pronta.

Então, eu e o Eloi, eu e o Eloi... Vou te convidar, Edson, vou te convidar. Se a Matilde estiver de bom humor, eu vou convidar ela também. Vou convidar, porque eu acho que cada um de vocês merece um pouquinho, porque foi difícil fazer aquela ponte.

Bem, para me despedir de vocês, companheiros e companheiras, eu queria apenas dizer o seguinte: nós temos uma caminhada longa para fazer. Longa, longa, longa, não é uma caminhada fácil. Nós... Recentemente, eu mandei um projeto de lei, o projeto de lei sobre a questão da criança, ou seja, para evitar que houvesse castigo físico nas crianças. Ou seja, a gente não pode... Ninguém quer proibir o pai de educar a criança, mas ninguém está dizendo que porrada ajuda ninguém. Se fosse assim, os bandidos seriam tudo com asinhas de anjo, de tanto que apanham, ou seja, o que nós queremos é que a educação tenha supremacia sobre o beliscão. Eu sou do tempo da régua na cabeça, e não era dado pela professora não, Orlando, era a servente. A servente entrava na sala de aula com uma régua de um metro, dessa grossura.



E, naquele tempo – faz muito tempo – a gente tinha que levar o tinteirinho da gente, a canetinha bico de pena, e a gente ficava jogando tinta um no outro. E, de vez em quando, a gente levantava, quando a servente entrava na sala de aula, e se a gente fizesse um gesto, ela nos dava uma reguada de quina na cabeça. Acho que é por isso que o meu pescoço nem cresceu, de tanta reguada que eu tomei quando eu estava lá, estudando.

Bem, então a gente fez essa lei, houve críticas à lei, houve críticas, achando que a gente está se metendo não sei das quantas, que... sabe? Mas nós achamos que nós estávamos certos. Tem gente que fala...

Esse dias, eu fui no lançamento do livro do Aloizio Mercadante, e uma moça gritou assim para mim: “Ô Lula, você já cuidou muito dos pobres, quando é que você vai lembrar da classe média?”. Eu falei para ela: “Eu lembro tanto da classe média, minha filha, que eu levei 31 milhões de brasileiros para a classe média, 31 milhões”.

Lógico que nós temos que cuidar da classe média, nós temos que cuidar da classe média brasileira que trabalha, que paga imposto. Mas nós precisamos elevar mais gente. Nós não queremos acabar com a classe média, nós queremos acabar é com a classe pobre, com a miséria. O que nós queremos é criar uma sociedade de classe média neste país. É isso. E é com essas leis que a gente vai criando. É com esses estatutos, essas coisas, que a gente vai conseguindo, criando.

Dói, a gente vê capa de revista contra a gente, a gente vê um xingando. Mas tem uma coisa que a gente aprende aos 64 anos de idade que eu não sabia quando eu tinha 20 anos de idade. Eu aprendi a não ter raiva das pessoas que têm raiva de mim. Eu aprendi, porque, meu caro Benevides, se a gente fica com raiva de quem tem raiva da gente, no fundo, no fundo, a gente está dando uma vitória para ele. Porque, quando ele faz raiva para a gente, é porque ele quer que a gente fique nervoso, tenha azia, tenha gastrite, não durma, não coma. Pois comigo, quem estiver pensando que eu não vou dormir



ou que eu vou ter gastrite porque não gostam de mim, pode tratar de gostar, pode tratar de gostar, que vai fazer bem.

Porque eu acho que, quando nós entregarmos o governo, no dia 31, este país não vai estar nenhum país rico ainda, mas este país estará melhor do que a minha geração conheceu, muito melhor do que a minha geração conheceu.

Eu me orgulho, eu me orgulho... Muitos de vocês eu não vou ver mais até o dia 31 de dezembro, quando termina o meu mandato. Mas eu me orgulho. Eu estou na frente, aqui, de reitores. Não sei se vocês sabem: a ignorância deste país era tão grande, mas tão grande, uma parte da elite política deste país era tão incompetente que eles nunca receberam um reitor. O único presidente da República que, durante oito anos, recebeu todo ano todos os reitores é esse, que só tem o 4º ano primário, aqui, que recebeu.

E ontem, ontem nós aprovamos, ontem nós aprovamos a autonomia universitária, coisa que eles reivindicavam há tanto tempo, nós fizemos. Ou seja, nós nos reunimos com os reitores das universidades, nunca tivemos um atrito, tivemos divergência, e fomos avançando milímetro a milímetro, e os reitores foram aliados nossos quando uma parte da elite brasileira, que estava na universidade, não queria que a gente criasse o Reuni. A gente queria apenas colocar 18 alunos por professor, em média, quando é 12. A gente queria copiar o modelo francês, colocar no mínimo, em média, 12 [18] alunos. Uma parte dos filhos da burguesia deste país, que estava na universidade, achava que colocar 12 [18] alunos por professor era muito, era baixar o nível, e teve reitor, teve reitor que teve a reitoria quebrada, vidro quebrado, invadido por uns filhinhos de papai que fazem uns discursos imbecis, achando que são de esquerda, quando, na verdade, são conservadores com comportamento de direita e, eu diria, às vezes, até fascista.

Bem, nós, nós vamos terminar o nosso governo com 70 conferências nacionais. Não é pouca coisa: 70 conferências nacionais. Podem imaginar a



conferência do que vocês quiserem, nós já fizemos conferência neste país, para determinar o tipo de políticas que a gente tem que adotar e acertar.

A lição, meus companheiros, que eu aprendi, desses oito anos de mandato é que, quando você não tiver certeza de alguma coisa, quando você souber que você não sabe de alguma coisa, não tenha vergonha. Em vez de consultar um consultor, consulte o povo, converse com o povo, converse com as entidades, ouçam o que pensam os trabalhadores, o que pensam os sindicatos, o que pensam os índios, o que pensam os negros, o que pensam as mulheres.

Se a gente tiver essa capacidade de juntar a sabedoria que está individualizada e que pode ser coletivizada, quando a gente junta todo mundo assim, a chance de a gente errar é quase nenhuma, e as chances de a gente acertar são quase todas.

Eu, quando vi, um dia desses, lá embaixo de uma ponte do Glicério, meu caro Zé Eduardo, o presidente do BNDES, na imponência do nosso querido BNDES, fazer um empréstimo de R\$ 200 milhões para os catadores de papéis, eu fico pensando: Um país que confia em catadores de papéis e empresta 200 milhões para a cooperativa deles é um país que exerce a democracia e é um país que respeita o povo deste país.

Então, hoje nós estamos aqui, todos um pouco mais negros, todos um pouco mais brancos, mas, certamente, todos um pouco mais iguais.

Que Deus nos abençoe e vamos continuar conquistando coisas.

(\$211A)